

FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA SOB UMA PERSPECTIVA ECOPEDAGÓGICA: Uma Proposta Educacional aos Arredores do Igarapé Pau Cheiroso, Município de Igarapé-Açu/PA

Felipe Ferreira Moreira

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPA

E-mail: ffm_kimera@hotmail.com

Resumo: O objetivo central desta pesquisa é demonstrar como o ensino de geografia pode dialogar com a noção de meio ambiente angariada pelo conceito de Ecopedagogia, tomando como referenciais teóricos autores como Gadotti (2000), Moreira Neto (2010), Conti (2002), entre outros, buscando expor aos docentes de Geografia novas metodologias acerca de temática tão atual e preocupante como a Educação Ambiental, visto que, esta precisa melhor participar e interagir com as percepções construídas pelos alunos sobre o meio natural, de modo, que os estudantes se identifiquem como agentes sociais conscientes de seus deveres e direitos ante os problemas ambientais. Inicialmente, o locus de pesquisa foi delimitado a partir de diagnóstico levantado sobre a degradação ambiental que atinge o Igarapé Pau Cheiroso, município de Igarapé-Açu, Pará, envolvendo os moradores da área. A pesquisa apresenta possibilidades de diálogo entre a Ecopedagogia e a Geografia durante todo trabalho sobre melhores formas de trabalhar o trato com as problemáticas que atingem aquele meio natural onde os discentes se inserem e vivenciam suas experiências cotidianas. É perceptível que em decorrência da crise ambiental que se instaurou com o avanço indiscriminado da modernidade insensível à natureza, se faz necessário um ensino geográfico escolar que compreenda o ambiente escolar como passível de uma reorientação curricular transdisciplinar, visando a promoção de uma consciência planetária que integre e interaja variados campos do conhecimento científico.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Ecopedagogia, Geografia Escolar.

Résumé: L'objectif central de cette recherche est de montrer comment l'enseignement géographie peut s'engager avec la notion de l'environnement angariada le concept de Ecopedagogy, en prenant comme cadres théoriques que les auteurs Gadotti (2000), Moreira Neto (2010), Conti (2002), entre autres, à la recherche exposée aux enseignants de géographie sur les nouvelles méthodologies et inquiétant aussi à jour que le thème éducation à l'environnement, car ce besoin de mieux engager et d'interagir avec les perceptions construites par les élèves sur l'environnement naturel, afin que les élèves se considèrent comme conscients de leurs droits et devoirs devant les problèmes de l'environnement des travailleurs sociaux. Initialement, le lieu de la recherche a été délimitée de diagnostic soulevées au sujet de la dégradation de l'environnement qui affecte la Igarapé Pau Cheiroso, municipalité de Igarapé-Açu, Pará, la participation des habitants de la région. La recherche présente des opportunités de dialogue entre Ecopedagogy et géographie tout au long de travail sur les meilleures façons de travailler l'accord avec les questions qui intéressent cet environnement naturel où les étudiants sont à l'intérieur et l'expérience de leurs expériences quotidiennes. Il est évident qu'en raison de la crise de l'environnement qui se pose avec les progrès de la modernité aveugle nature insensible, il est nécessaire l'enseignement de la géographie scolaire qui comprend l'environnement de l'école en tant que candidat pour un programme d'études transdisciplinaire, visant à promouvoir une conscience planétaire qui intègre et interagir des domaines variés de la connaissance scientifique.

Mots-clés: Environnement, Ecopedagogie, École de Géographie.

INTRODUÇÃO

Segundo Gadotti (2000) na atualidade nosso cotidiano tem sido invadido por termos como “desenvolvimento sustentável”, “preservação ambiental”, “ecologia”, entre outros, os quais são divulgados à exaustão pela mídia, sendo necessária a compreensão que educandos e educadores possam vislumbrar uma perspectiva educacional que ultrapasse o conhecimento desmotivador e vazio de significações sobre a questão ambiental que nos tem sido propagada. Tarefa mais do que imprescindível aos professores, onde podemos enfocar o ensino de Geografia na escola, uma vez que, a disciplina tem um histórico aporte teórico que explana as relações homem-natureza.

Norteados pelos pressupostos acima, é necessário propor que através de uma Educação Ambiental que de fato reestruture o ensino dos alunos em todos os níveis socioculturais dentro e fora do Estabelecimento escolar, será possível fazê-lo visualizar/reconhecer problemas que o rodeiam como o desperdício, a produção de lixo desordenada, o desmatamento, a poluição dos recursos hídricos, etc. No município de Igarapé-Açu constata-se um dos exemplos dramáticos das típicas problemáticas ambientais urbanas com a degradação do meio natural que atinge o Igarapé Pau Cheiroso e seus arredores, onde se verifica inúmeros alunos convivendo cotidianamente com a degradação ambiental do local, seja por ter moradia fixa às proximidades, seja no percurso para a escola (Fotografia 01), sendo este recorte espacial utilizado inicialmente para uma melhor análise e visualização das propostas da pesquisa.

Fotografia 01:
Pequena ponte
de passagem
utilizada aos
arredores do
Igarapé Pau-
cheiroso

Fonte: O
Autor (2014)



Há ainda às proximidades deste local, duas escolas integrante da área de influência do Igarapé Pau Cheiroso: a Escola Estadual de Ensino Fundamental Princesa Izabel e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ilta Maria de Sousa Rodrigues, onde professores de Geografia e de outras disciplinas têm por desafio diário construir com os discentes um saber caracterizado pelo respeito ao meio ambiente em tempos de degradação ambiental que atinge cada vez mais uma escala local e global em níveis alarmantes.

A partir da observação de tal contexto surge a problemática: Como docentes de Geografia poderão fomentar em alunos que convivem ou não diariamente com a poluição do meio ambiente no qual estão inseridos, uma visão que se efetive enquanto uma cultura coletiva de respeito à natureza?

O objetivo primordial deste artigo almeja impulsionar no ensino geográfico escolar um desafio propositivo de diálogo com outros conceitos pedagógicos-didáticos, como a Ecopedagogia, tendo em mente que na sociedade se faz necessária uma reorganização curricular que vise um

aprendizado unificador, prático, reflexivo, comprometido e coerente com a sua realidade. A construção deste artigo impulsiona consideramos indispensável uma formação docente que instigue o discente a refletir sobre suas ações frente ao consumismo incontrolável que o cerca, estimulando aos educadores práticas educativas que se encaminhem no sentido da efetivação de novas posturas e um novo comportamento humano comprometido com o meio em que habita.

METODOLOGIA

Na realização desta pesquisa, estão sendo utilizados procedimentos metodológicos de diagnóstico da qualidade ambiental e da qualidade de vida. Com base em uma abordagem que procura contemplar a dimensão objetiva e subjetiva, estão sendo considerados os seguintes indicadores quantitativos: condições econômicas e meios de consumo coletivo; e, com respeito aos indicadores qualitativos a percepção da população.

A pesquisa foi norteada por levantamentos de fontes bibliográficas, informações em órgãos de governo, diagnóstico da qualidade ambiental e de vida, trabalhos de campo, emprego de 20 questionários a moradores no qual foram abordados indicadores objetivos e subjetivos. O número de questionários (20) foi determinado a partir de uma amostragem aleatória referente ao universo de 100 residências localizadas no entorno do igarapé Pau Cheiroso com vistas a avaliar de forma mais eficiente as questões relacionadas à percepção dos agentes envolvidos no âmbito intra e extraescolar.

GEOGRAFIA, ENSINO E MEIO AMBIENTE

A Geografia como disciplina escolar vem nas últimas décadas passando por um processo de transformações, buscando romper com as práticas de um ensino deveras tradicional onde não se estabelece uma relação de ensino-aprendizagem eficiente. No entanto, apesar desse esforço, ainda percebemos uma prática escolar geográfica, que ainda reflete um ensino eminentemente enfadonho e mecanicista, de cunho meramente decorativo e que não extrapola as relações intramuros das escolas.

De acordo com Cavalcanti (2010), no processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, ensinar é uma intervenção intencional nos processos intelectuais e afetivos do aluno buscando sua relação consciente e ativa com os objetos de conhecimento. O objetivo maior do ensino, portanto, é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno, levando em conta o conteúdo apreendido na graduação de um docente formulado com uma

metodologia que construa com o discente uma relação conteúdo-objeto de estudo clara e que envolva suas percepções¹ de mundo.

As transformações socioeconômicas e espaciais dos últimos anos impulsionaram um olhar crítico antes ausente na Geografia de um modo geral, exigindo a transposição desta nova roupagem da Geografia para o ambiente educacional escolar, por vezes, ainda uma árdua tarefa a ser praticada. A ciência geográfica possui um amplo potencial em seus campos epistemológicos que até então foram pouco explorados e por vezes de forma não adequada - como espaço geográfico, lugar, meio natural, natureza, entre outros, podendo formar uma interface com uma visualização de meio ambiente que produza o conhecimento geográfico escolar que impacte a vida do educando para além de uma disciplina conteudista em sala de aula.

As relações traçadas entre Natureza e Geografia não são novas, pois Conti (2002) ao traçar os conceitos que permearam as raízes dos preceitos da ciência geográfica, de um modo geral, a entende como a área da ciência responsável por compreender a Terra como o espaço em que o ser humano habita e suas relações e modos como compreende este espaço. Logo, gerou-se um conceito que entendia o saber geográfico como um campo científico que através de suas ramificações físicas tinha por meta estudar todos os elementos presentes na natureza, sejam eles bióticos ou abióticos, com ênfase nos físico-naturais.

O autor, porém, afirma que para além da análise dos elementos físico-naturais, os geógrafos físicos sempre deram grande atenção ao ser humano como agente de modificação do meio natural ao qual estavam inseridos, como por exemplo, a formulação de vários estudos relacionados que tem por base o estruturalismo e a teoria geral dos sistemas, o que leva a um claro direcionamento da Geografia Física num caminho que já apontava para uma possível multidisciplinaridade. A teoria geossistêmica, por exemplo, ao incorporar elementos da ecologia e biologia à ação antrópica, ofereceu à Geografia uma maior consistência teórica, contribuindo para uma maior proximidade com os mecanismos que ajudam a entender a relação sociedade/natureza.

Com o despontar da sociedade moderna construindo novos paradigmas sobre o trato da civilização ocidental em relação aos ecossistemas ao seu redor, esse caráter integrador entre fatores humanos e ambientais da Geografia torna-se valioso, pois o conceito de qualidade ambiental passou a ser visto como integrante de uma conjuntura socioambiental maior denominada de qualidade de vida. Para Minaki & Amorim (s/d) a mensuração e análise desta a partir da existência ou não de condições saudáveis de habitação, em termos humanos, sociais, ecológico-ambientais, econômicos, dentre outros, são obtidos em conjunto num determinado local, onde o sistema educacional pode ser um importante parâmetro num âmbito de Educação Ambiental.

¹ Entendidas como leituras do real feitas por pessoas que de alguma forma interagem com o objeto de estudo.

Santos (2004) corrobora sobre essa perspectiva no diagnóstico ambiental quando afirma:

Condições de vida é uma expressão designada em planejamento ambiental para explicitar as desigualdades sociais, fornecer indícios da dinâmica social e definir os elos entre esses fatos e a qualidade do ambiente natural. Assim, por exemplo, a ocorrência de doenças infecto-parasitárias, ausência de saneamento básico, más condições de habitação, precária educação e baixa renda de um segmento da população são frequentemente ligados à péssima qualidade de água e à ausência de cobertura vegetal (P.101).

Por conseguinte, podemos começar a pensar na melhor aplicação de todo este arcabouço teórico na Geografia escolar da atualidade como possibilidade para construirmos em sala de aula a discussão crítica em relação à própria sobrevivência humana com os elementos naturais do seu habitat, intrinsecamente à construção da conscientização ambiental com relação às limitações dos recursos naturais explorados no nosso típico cotidiano cada vez mais consumista. Os recursos naturais como observamos tem sido alvo dos mais variados estudos que permeiam a Geografia contemporânea e se correlacionam inevitavelmente com diversas outras áreas científicas, colocando questões sobre uso racional dos recursos hídricos, planejamento ambiental, Educação Ambiental, técnicas de manejo sustentável, etc.

O docente seja de Geografia ou de outras áreas, tem como tarefa árdua se valer de todo este conhecimento sem academicismos desnecessários e conectando toda uma abordagem científica sobre o meio ambiente com a realidade de uma comunidade escolar. A urgência em conhecer as estruturas e processos básicos que envolvem os mais diversos ecossistemas tão primordiais à própria existência humana e as suas limitações com a degradação e consumo sem precedentes que a humanidade atravessa e impõe é uma realidade inegável. Questionar constantemente sobre qual futuro queremos sobre a/na relação humanidade-ecologia deve pautar as considerações realizadas dentro e fora do âmbito universitário para um mais eficiente planejamento, visando primordialmente o bem das populações humanas.

Mas que tipo de Educação Ambiental reflexiva deve nortear o envolvimento sobre a natureza enquanto um bem universal inalienável aos cidadãos de todo o planeta, não enquanto mercantilização descontrolada? Angariar o conhecimento que poderá ser perpetrado pela Geografia é um desafio de grande valia em torno do debate sobre os mais diversos discursos que rondam o ideário de preservação, tanto a nível local como a nível global, pressupondo vários caminhos educacionais, entre os quais a Ecopedagogia.

A PROPOSTA ECOPEDAGÓGICA

A Ecopedagogia é apontada como um caminho na educação escolar que pode oferecer propostas nessa discussão. A proposta ecopedagógica surgiu no contexto da conferência das Nações Unidas (ECO-92 ou RIO-92), realizada no Brasil em 1992 que reuniu 175 países e 102 chefes de estado e de governo. Neste evento se discutiu bastante a Educação Ambiental como uma tentativa

de amenizar os problemas ecológicos cada vez mais presentes, e foi justamente por isso que se percebeu a importância de uma pedagogia que aborde as questões ambientais de forma holística. De acordo com Gadotti (2000), a Ecopedagogia pode ser entendida por meio de dois aspectos: como um movimento social e como uma abordagem curricular.

Observamos que nós enquanto educadores e/ou futuros educadores precisamos repensar a metodologia de abordagem das questões ambientais em âmbito escolar, pois estas não podem ser mais tratadas de forma superficial, uma vez que os problemas ecológicos não se resumem apenas aos impactos ambientais, mas envolvem um modelo econômico que prega a exploração predatória dos recursos naturais e uma cultura consumista. Nesse sentido precisamos pensar em formar nossos educandos de forma completa, de maneira a torná-los seres críticos e autônomos.

Para Gadotti (2000) a Ecopedagogia surge no bojo da sociedade capitalista como um movimento pedagógico que busca tratar das questões ambientais relacionando-as com as questões sociais, logo a Ecopedagogia transcende os muros escolares e busca através do cotidiano explicar os problemas ecológicos. Sendo que este não é seu único foco, pois ela se propõe a ser uma alternativa de “civilização sustentável” e uma nova perspectiva no que diz respeito à Educação Ambiental. Embora, teoricamente, os conceitos sobre desenvolvimento e qualidade de vida tenham avançado em Conferências Internacionais, nas Universidades, e mesmo nas esferas de governo de países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, é fato que na prática ainda estamos muito longe de internalizar um paradigma que coloque a natureza como um bem a ser preservado para as presentes e futuras gerações.

Sobre isso Moreira Neto (2010, p. 34) assinala: “Em muitas escolas, a EA [Educação Ambiental] é abordada de maneira isolada e desconexa da realidade, quando há datas comemorativas como o dia da árvore, dia do índio, dia do meio ambiente e outros”. Desta maneira, observa-se que as práticas pedagógicas das escolas estão tratando as questões ambientais com pouca importância e de maneira equivocada. A transversalidade é válida desde que aplicada de forma coerente, podendo ser concretizada, por exemplo, por meio de projetos que visem o entendimento acerca dos problemas ambientais a partir de observações feitas na comunidade na qual o educando está inserido.

A abordagem interdisciplinar também é bastante interessante, porém é necessário que o corpo docente tenha cuidado para não recair no problema da fragmentação conteudista, sendo necessário considerar como base metodológica de suas aulas o diálogo e a integração, posto que desta forma, estariam contribuindo para a promoção de uma aprendizagem mais significativa e com interligações à vida do educando, proporcionando maior compreensão da realidade e estimulando o processo de tomada de atitudes perante os problemas ambientais.

Para Luck apud Santana e Lima, (2009) os objetivos gerais da orientação curricular com as bases da Ecopedagogia são:

Desenvolver uma consciência ecológica ambiental, visando à qualidade de vida, à preservação das espécies em extinção e à permanente renovação do equilíbrio dinâmico, privilegiando soluções e técnicas que possam corrigir excessos da sociedade industrialista mundial; Desenvolver uma consciência ecológica social que atenda às carências básicas dos seres humanos de hoje, sem sacrificar o capital natural da terra; Desenvolver uma ecologia mental voltada para a sinergia e a benevolência em todas as relações sociais, comunitárias e pessoais, favorecendo a recuperação do respeito para com todos os seres, principalmente os vivos; Desenvolver a consciência da ecologia integral na qual os seres humanos e o planeta emergem como uma única entidade, numa totalidade orgânica, dinâmica, diversa, tensa e harmônica (P.6).

É importante deixar aclarado que estes princípios formulados na Ecopedagogia não se constituem em mais algumas conceituações, somando-se diretamente a outras pedagogias existentes, pois suas abordagens implicam mudanças nas atuais relações humanas, sociais e ambientais, visto que, “a Ecopedagogia não é uma pedagogia escolar. Ela não se dirige apenas aos educadores, mas aos habitantes da terra.” (GADOTTI, 2005, p.5).

Por isso a importância do currículo escolar dar primazia ao enfoque transdisciplinar ao inserir os princípios da Ecopedagogia em seus preceitos. Não faria sentido trazer para o contexto escolar uma educação voltada para a sustentabilidade com bases fragmentadas, posto que desta forma não se promoveria qualquer transformação social, política, econômica e ambiental; na verdade proceder a referida educação desta forma seria manter o atual modelo de currículo. Neste sentido é indispensável trabalharmos com a transdisciplinaridade, tendo em vista que esta nova maneira de pensar ciência tem por meta unificar e derrubar barreiras que separam as disciplinas, respeitando suas particularidades, mantendo a complexidade do real (GADOTTI, 2000).

A Ecopedagogia dentro destas características pode ser o elo relacional que traga à Geografia escolar uma discussão ambiental que rompa com aquela Educação Ambiental que simplesmente compartimentaliza as disciplinas, isolando e quebrando o potencial que os saberes poderiam construir juntamente entre si nas escolas. Há grande pressão sobre os educadores, de uma maneira geral, por uma formação docente que instigue os sujeitos a respeitarem o meio ambiente com as formas de uso dos recursos naturais do planeta em posição de serem repensados por toda humanidade, levando em conta as questões ambientais enquanto constituintes das próprias vivências e experiências que discentes tem do seu lugar de moradia e habitat, como as que ocorrem em cidades como Igarapé-Açu.

A ECOPEDAGOGIA E A GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO IGARAPÉ PAU CHEIROSO

Estatisticamente, o município de Igarapé-Açu contou com aproximadamente 19.489 (dezenove mil quatrocentos e oitenta e nove) habitantes no ano de 2000 aumentando para 21.207

(vinte e um mil duzentos e sete) domiciliados em 2010 (IBGE, 2000; 2010). Além da sede municipal, o município possui 43 (quarenta e três) colônias agrícolas interligadas à sede. Essas colônias possuíam 12.911 (doze mil novecentos e onze) habitantes em 2000, obtendo um crescimento para a margem de 14.680 (quatorze mil seiscentos e oitenta) pessoas em 2010 (IBGE, 2000; 2010). O município localiza-se na chamada mesorregião nordeste paraense, zona bragantina, a 110 quilômetros da capital do Estado, Belém.

Às proximidades do centro urbano da sede municipal, a paisagem geográfica no entorno do igarapé Pau-Cheiroso, apresenta características que remetem à falta de planejamento em diversos níveis governamentais, com desarborização, deposição de resíduos nas margens do igarapé, assoreamento, e qualidade da água que compromete a saúde de quem a utiliza para os afazeres domésticos, ou mesmo para o banho (Fotografia 02 e 03). Com a análise de dados coletados em campo, notou-se que existem vários problemas socioambientais identificados na área pesquisada, entre os quais se destacam: o desemprego; deposição irregular de lixo e precariedade do saneamento básico; falta de segurança pública, serviços de saúde e educação insuficientes; ausência ou inadequada arborização.

Fotografia 02: visão geral do Igarapé Pau – cheiroso

Detalhe



Fonte: O

Autor (2014)

Fotografia 03: poluição no Igarapé Pau-cheiroso



Fonte: O Autor (2014)

De acordo com outras informações coletadas ainda aos derredores do igarapé, 60% colocam o lixo em recipientes para a coleta da prefeitura, enquanto que 40% não têm a preocupação de fazer tal procedimento. Com isso, caracteriza-se o alto índice de dejetos e entulhos nas vias, que geralmente é levado pelas enxurradas às margens e ao leito do igarapé. Constatou-se que 65% desconhecem o que é coleta seletiva, já que não há campanhas educativas que envolvam entidades, instituições e a população em geral para conscientizar e solucionar esses problemas, contrariando a Constituição de 1988, que no seu artigo 225, relata: “Todos têm direito ao meio ambiente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Com relação especificamente ao âmbito educacional, só 8% afirmaram ter na família alguém que já cursou faculdade. Por outro lado, 92% sabe ler e escrever, e apenas 8% são analfabetos. Nesse sentido, a avaliação da educação no município foi a seguinte: excelente 0%, bom 40%, regular 15%, ruim 25%, e péssimo 15%, não soube informar 5%. Estes dados são de extrema relevância, pois uma das principais vias de acesso que corta o Igarapé é a Travessa Duque de Caxias, onde se localizam a Escola Estadual de Ensino Fundamental Princesa Isabel e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ilta Maria de Sousa Rodrigues. Além disso, o bairro Uberlândia que abrange grande área de influencia do Pau Cheiroso é densamente povoado por estudantes que diariamente se deslocam para outras escolas em variadas localidades do município, nos mais diversos níveis de escolaridade.

Em todo este contexto educacional/ambiental como o que foi verificado, a Ecopedagogia poderá servir como uma via educacional importantíssima, pois, para uma nova geração de alunos que está nas escolas se faz necessária uma reorganização curricular que contemple as problemáticas ambientais de forma que gere um aprendizado que se caracterize por uma práxis (ação-reflexão-

ação) comprometida e coerente com o meio onde os agentes sociais estruturam suas práticas cotidianas.

Ao dimensionarmos a referida realidade de degradação ambiental ao aluno com as suas causas e consequências na sua cotidianidade e qualidade de vida, será possível trabalhar com as percepções que surgirão em sala de aula, com diferentes pontos de vista sobre a problemática, pois o ambiente em que cada indivíduo se encontra inserido lhe fornece referências do mundo concreto e simbólico que o rodeia. No processo de construção do conhecimento desses alunos, é importante que o docente tenha conhecimento de todo um aporte pedagógico-didático que possa oferecer subsídios que levem esses alunos a compreenderem sua participação e interação ante o meio natural supracitado onde, através de suas relações sociais, são agentes construtores.

Este ideário é perseguido amplamente pelo sistema educacional nacional brasileiro como podemos visualizar nos PCNs que colocam como um dos objetivos primordiais da Educação Ambiental nas escolas:

Contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos (Brasil, 2000, p. 187).

Para a melhor efetivação dessa aprendizagem, utilizar a transdisciplinaridade como paradigma necessário para aliar de forma eficaz Ecopedagogia e Geografia é um processo deveras importante que suplantaria os resquícios da influência positivista-mecanicista na educação, gerando um ensino de cunho planetário, gerando novos olhares, percepções e sentimentos com relação ao nosso planeta. É necessário combatermos um ensino que se caracterize apenas a como transmissão de conhecimento fechado, com diversas disciplinas fechadas em si próprias, sendo prioridade a queda das barreiras que isolam as mais diversas áreas da ciência uma das outras.

Com isso, poderemos começar a dialogar sobre a formação nos discentes de uma consciência e cidadania de cunho planetário, tendo por meta novos métodos de ensinar e novos conteúdos curriculares com vistas à formação da sociedade como uma comunidade global, com a possibilidade de estimularmos uma solidariedade maior nas relações sociedade-sociedade e sociedade-natureza, sem aprisionamento a bandeiras de países ou questões étnicas.

Na formação docente em Geografia, como primeiro passo para alcançarmos as perspectivas mencionadas, é fundamental fomentarmos que a fundamentação básica para toda e qualquer área da ciência que se proponha a dar suporte para a educação, perpassa por associar teoria e prática com o objetivo de direcionar a interação professor/aluno a uma atitude crítica diante da sociedade a qual está se está inserido. É um esforço deveras importante, de forma a fugir de um sistema educacional alienante que ignore os tão presentes problemas sócio-educacionais, onde urge

a necessidade para os educadores do entendimento fundamental que um processo de aprendizagem mais eficiente suscitará qualidades essenciais como: curiosidade, investigação, reflexão, etc.

A inserção da Ecopedagogia nesta nova proposta no sistema educacional pressuporia uma reorientação curricular fundamental na Geografia e em outras disciplinas no âmbito escolar, uma vez que o que tem definido as propostas educacionais ainda hoje, não são as necessidades do amanhã ou as mudanças a operar na sociedade, e sim interesses momentâneos, acontecimentos e fatos atrelados à demanda do capital.

A partir de tais pressupostos, começaremos a vislumbrar os reflexos na percepção do conceito de Educação Ambiental, podendo esta ser mais bem instrumentalizada tanto para o aluno quanto para a sociedade de um modo geral, pelos mais diversificados ramos do conhecimento científico, onde a ciência geográfica devido à sua histórica contribuição no campo dos estudos nas relações sociedade-natureza atuaria com sua parcela de contribuição para a construção de um novo modelo de ensino-aprendizado.

Levar este conceito para a sala de aula de modo que o aluno identifique e interligue o conhecimento geográfico com os saberes do meio cultural, social e político no qual se está inserido, é um dos principais alvos do professor, tendo este que utilizar todo o seu arsenal de conteúdos e métodos disponíveis para apresentar de forma reflexiva o máximo de compreensão sobre os preceitos básicos de Geografia e suas formas de utilização no mundo contemporâneo no qual vivemos (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Segundo Moreira Neto (2010) as explorações do meio natural em determinadas localidades, evidenciam a formação de gerações que se tornaram consumidoras irresponsáveis do próprio meio em que habitam. Neste contexto a Ecopedagogia funcionaria como vetor de uma mudança radical nas estruturas sociais, econômicas e culturais de uma civilização, pondo em xeque valores puramente egoístas e egocêntricos que permeiam o sistema capitalista em geral, pois ao fazermos um aluno de Igarapé-Açu compreender a importância de um corpo de água como o Igarapé Pau Cheiroso poderemos combater sentimentos que poderiam induzir à banalização e massificação da destruição dos recursos naturais.

É notável que as abordagens interdisciplinares contribuam significativamente para o entendimento do que vem a ser a Educação Ambiental, todavia no que se refere à Ecopedagogia, a interdisciplinaridade não consegue dar conta de suscitar esclarecimentos acerca da mesma, pois este modelo de proposta curricular (Ecopedagogia) está inserido no recente movimento educacional que tem como principal característica a transdisciplinaridade.

De acordo com Gadotti apud Moreira Neto (2010):

A transdisciplinaridade propõe que o indivíduo tenha formação integral baseada na construção do conhecimento, de forma a não separá-lo em disciplinas; também, que não

seja apenas um diálogo inter, entre as disciplinas, mas que vá além, numa junção de conhecimentos não formais e formais, não disciplinares e disciplinares e que contribua para a formação ampla do indivíduo (P.17).

Logo, a proposta ecopedagógica se revela atual e eficiente por propor principalmente um novo desenho curricular visando abordar a Educação Ambiental como uma temática transversal, isto é, com disciplinas que incluem questões/discussões sobre a preservação no meio natural na dinâmica de seus conteúdos. Além disso, é preconizada uma abordagem transdisciplinar para que o processo de ensino e aprendizagem não se torne fragmentado, visto que, os professores muitas vezes, entendem erroneamente um enfoque interdisciplinar, acabando por ocuparem-se apenas com a promoção da aprendizagem dos conteúdos em si, não fazendo a correlação destes com a realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A civilização humana está sendo confrontada com o atual modelo de civilização, o capitalismo industrial-financeiro, que se baseia na expansão e acumulação ilimitada de capital e, por conseguinte, no avanço excessivo de utilização do meio natural. Já não há como negar essa faceta capitalista em escala global, com todo seu aporte instrumental arrasador gerado a partir da irracionalidade do Grande Capital, sendo este processo marca histórica desse paradigma de exploração, no qual a natureza é devastada em favor de uma diminuta elite de agentes hegemônicos externos e internos.

Na fase em que a pesquisa se encontra, ainda não foram coletados dados suficientes para uma análise que responda aos objetivos formulados; no entanto, norteados pelos pressupostos acima, é explicitado que a crise ambiental que se instaurou com o avanço indiscriminado da modernidade insensível à natureza, suscita uma grande urgência em pensar novas formas de estabelecer relacionamento com o nosso habitat. Esta tarefa pesa sobre os ombros dos educadores como um todo, visto que, a formação escolar gerará os sujeitos que respeitarão ou não o meio ambiente, colocando as formas de uso dos recursos naturais do planeta em posição de serem repensados por toda humanidade.

A escola precisa reorientar seu currículo para atender a Ecopedagogia, uma vez que seguindo seus princípios o aluno se tornará um cidadão consciente, crítico e capaz de fazer transformações significativas no meio em que está inserido. Nesse sentido, Hansen (2006) afirma que desenvolvimento sustentável tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação.

Desta forma, a educação, principalmente a formal configura-se como a peça chave para amenizar as questões ambientais, visto que é por meio de uma formação de qualidade, que os cidadãos têm condições de refletir e agir de forma coerente com as necessidades do planeta. A ciência geográfica possui um amplo potencial neste campo reflexivo em relação ao meio ambiente que infelizmente, por vezes, até então foram pouco explorados e por vezes de forma não adequada.

A forma tradicional da Geografia ainda impera em muitas escolas brasileiras, impulsionada muitas vezes pelos próprios conceitos didático-pedagógicos conservadores que persistem na educação nacional. Cabe aos professores não só de Geografia, portanto, romper com este modelo educacional, incentivando o aluno a pensar de forma reflexiva sobre a sua realidade local e global, para desse modo chegarmos a um padrão dinâmico na sala de aula que estimule a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres (KOSEL; FILIZOLA, 1996).

É indispensável no ensino geográfico contemporâneo uma formação que instigue o discente a refletir sobre suas ações frente às questões que moldam seu mundo ao redor, estimulando aos educadores práticas educativas que se encaminhem no sentido da efetivação de novas posturas e um novo comportamento humano comprometido com o meio em que habita com diálogo constante com as outras disciplinas para uma Educação Ambiental que atinja de forma essencial as percepções dos discentes não apenas em relação à Igarapé-Açu, mas também sobre uma consciência planetária que considere o planeta Terra como o seu lar e não como um grande recurso a ser consumido.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1999.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2000**. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em: 5 de Abril de 2014.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso em: 5 de Abril de 2014.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente: Saúde**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CAVALCANTI, L. S. **Lana de Souza Cavalcanti fala sobre o ensino de Geografia com novas abordagens**. Publicado em Revista Nova Escola, Ed. 238, Dezembro, 2010. Título original: "A Geografia deve ser nutrida com novas abordagens". Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/lana-souza-cavalcanti-fala-ensino-geografia-novas-abordagens-611976.shtml>>. Acesso em: 28 de Maio de 2014.
- CONTI, J. B. **A Geografia Física e as relações sociedade/natureza no mundo tropical**. 2. Ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 2002.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 6. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- _____. **Ecopedagogia e educação para a sustentabilidade**. In: Programa de Capacitação Docente - Diretoria de Ação Pedagógica, 2005. Disponível em: <http://www.biologia.ufrj.br/ereb-se/artigos/ecopedagogia_e_educacao.pdf> Acesso em: 28 de Maio de 2014.

- HANSEN, K. **O que é Ecopedagogia?** Publicado em 23/10/2006. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0118.html>>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2014.
- KOSEL, S; FILIZOLA, R. **Didática da Geografia:** memórias da terra – o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996 (Col. Conteúdo e Metodologia).
- MINAKI, C; AMORIM, M. C. C. T. **Espaços urbanos e qualidade ambiental:** um enfoque da paisagem. Revista Formação, n. 14, vol. 1, p. 67-82, s/d.
- MOREIRA NETO, P. C. **Educação Ambiental em uma perspectiva da Ecopedagogia:** Análise de projetos desenvolvidos no Programa Agrinho em uma cidade do DF. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N. H. **A Geografia como ciência da sociedade e da natureza.** In: _____. Para ensinar e aprender Geografia. 3. Ed, São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, R. F. **Planejamento ambiental:** teoria e prática. São Paulo: Oficina de textos, 2004.
- SANTANA, J. M; LIMA, C. C. U. **A inserção dos princípios da Ecopedagogia no currículo escolar:** Uma proposta de educação para a sustentabilidade. In: Seminário Internacional “Experiências de Agendas 21: Os desafios do nosso tempo”. **Anais...** Ponta Grossa, 2009